

Se eu fosse eu – Clarice Lispector

Quando eu não sei onde eu guardei um papel importante e a procura se revela inútil, eu me pergunto: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar eu escolheria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes eu fico tão pressionada pela frase “se eu fosse eu” que a procura do papel se torna secundária e eu começo a pensar; aliás, eu diria melhor, eu começo a sentir. Eu não me sinto bem. Experimenta: se você fosse realmente você, como seria? E o que faria? Logo de princípio, já se sente um certo constrangimento, é que a mentira em que nos acomodamos acaba de ser levemente locomovida do local em que se acomodara. No entanto, eu já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas, mudavam completamente de vida. Eu acho que se eu fosse eu os amigos nem me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como, não sei. Metade das coisas que eu faria, se eu fosse eu, eu não posso nem contar. Eu acho até que, por um certo motivo, eu terminaria presa na cadeia. E se eu fosse eu, eu daria tudo o que é meu, entregaria o futuro ao futuro. “Se eu fosse eu” parece representar o nosso maior perigo de viver, parece entrada nova no desconhecido. No entanto, eu tenho a intuição de que, passadas as primeiras loucuras da festa que seria, nós teríamos enfim a experiência do mundo, experimentaríamos em pleno a dor do mundo e a nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir. Mas também em certos momentos seremos tomados de um êxtase de alegria tão pura e legítima que eu mal posso adivinhar. Aliás, eu acho que eu já estou adivinhando, porque eu me senti sorrindo e senti também uma espécie de pudor que se sente diante de tudo aquilo que é grande demais.